

RESENHA

**ROCHA, Gilmar. Mauss & a Educação. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011
(Coleção Pensadores & Educação)**

Tatiana Arnaud Cipiniuk¹

Escrever uma resenha sobre um livro que destaca a obra do antropólogo Marcel Mauss em que o autor, Gilmar Rocha, apresenta um exercício de articulação focado nas relações que abarcam a complexidade social, sobretudo, em virtude dos muitos caminhos que se abrem para as discussões sobre as fronteiras do conhecimento e as articulações interdisciplinares entre diversos campos do saber. O livro de Gilmar Rocha assume e cumpre um hercúleo compromisso ao abordar as elaborações de um antropólogo como Marcel Mauss, celebrado pela fértil, extensa e criativa capacidade de conduzir abordagens teórico-metodológicas fazendo uso de diferentes concepções antropológicas, etnológicas, etnográficas e sociológicas. Aspecto esse ressaltado por Rocha como uma preocupação de Marcel Mauss ao definir, com rigor, cada campo do saber em função dos diferentes momentos do “ofício do etnólogo” e dos usos de seu método.

Nesta bem sucedida proposta, Rocha então promove um levantamento sobre Marcel Mauss que se desdobra em três diferentes capítulos inter-relacionados entre si. O primeiro deles consiste em contextualizar, de forma sóciohistórica, o período que compreende o fim do século XIX e o início do século XX, mencionando o cenário clássico da literatura ocidental, à história de Frankenstein, fazendo referencia à paradigmática oposição entre as concepções científica e religiosa na moderna sociedade francesa. Nesse ambiente, Marcel Mauss se dedica a uma complexa e fascinante construção de seu pensamento teórico que, segundo Rocha, ao buscar tornar inteligível a compreensão dos fenômenos sociais, sugere um modo reflexivo com características interacionistas.

Ainda nesse primeiro momento do livro, Gilmar Rocha apresenta ao leitor circunstâncias marcantes do percurso de Marcel Mauss tais como, a relação com seu tio e mestre, Émile Durkheim, a experiência de viver em um período onde a primeira grande guerra

¹¹ Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. E-mail: tarnaud78@yahoo.com.br

mundial eclodiu e, portanto, as inúmeras ressonâncias que tal ocasião repercutiu em suas construções ideológicas. Rocha destaca ainda alguns movimentos realizados por Mauss que são de suma importância para perceber seu esforço ao planejar e consolidar não somente o campo da sociologia e uma versão ampliada da antropologia, mas também suas articulações com outros campos do saber, como a história. Nesses movimentos se destacam suas participações no *Année Sociologique* e as iniciativas que repercutiram na criação do *Institut de L'Ethnologie*, na contribuição à *Escola dos Annales* no âmbito do campo de estudo da história, na colaboração ao *Musée de L'Homme*, na supervisão às expedições etnográficas à África, na própria produção do *Manual de etnografia*, e de tantas contribuições teóricas que, enfim, representaram uma enorme mobilização e competência para desenvolver importantes e diferentes frentes que fazem de Marcel Mauss, segundo os termos de Rocha, “um destacado arquiteto no processo de construção da sociologia e antropologia moderna.”(p. 36).

Ao apresentar as contribuições de Marcel Mauss para a consolidação do campo de conhecimento da antropologia, Rocha se inclina em demonstrar como essas contribuições se constituíram no âmbito dos rígidos procedimentos metodológicos fundamentados por levantamentos que inventariaram (registraram, relacionaram e catalogaram) um grande número de classificações e categorias sociais. Tal apresentação fica a cargo da análise mais aprofundada do *manual de etnografia*, salientado por Rocha como importante publicação para se compreender o que ele chama, de “espírito da *collage*” (p. 43), a saber: a) a que é favorável ao exercício de seus ex-alunos, no sentido de reter as *instruções de etnografia descritiva*; b) a que apresenta a produção de um trabalho etnográfico desenvolvido por especialistas e suas múltiplas abordagens teórico-metodológicas, e; c) a que produz uma linguagem destacada como, nos termos de Rocha, um “discurso metaetnográfico” (p.46). Essas especificidades do *manual de etnografia* aludem à uma época em que, na França, estava em voga a formalização das concepções que compreendem as noções de civilização, nação e modernidade. Tais construções foram, outrossim, expressas pela forma como se elaborou o modelo moderno de pessoa e como tal categoria, ao ser constituída por Mauss, assumiu grande relevância no contexto antropológico, dado que essa elaboração se consumou como uma das primeiras formas de reflexividade sistemática dessa noção.

Rocha abre seu segundo capítulo evocando inicialmente a aula inaugural de Marcel Mauss, na Ecole des Hautes Études, em Paris, na Seção de Ciências da Religião, sustentando que sua atuação estava direcionada a uma preocupação com o significado do ofício do

etnólogo a partir de diferentes vertentes, quando conduzidas por um ou mais métodos de pesquisa e suas problematizações teóricas. Deste modo, havia um cuidado com a abrangência desses métodos e com os *fenômenos sociais totais* presentes na relação de pesquisa entre o etnólogo e o objeto de estudo, o que então revolucionaria o campo de estudo das ciências humanas e sociais, dimensão salientada por Rocha a partir do argumento de Lévi-Strauss, quando esse celebra o redimensionamento da posição do observador em relação ao observado, elaborado por Mauss.

No que diz respeito ao movimento erigido por Mauss para uma circunscrição do rigor da construção teórico-metodológica, Rocha ressalta a superação das categorias binárias preconizadas pela compreensão do *fato* ou da *totalidade*, tendo como subsídio as concepções elaboradas a partir do termo *concreto* e da elaboração que abarca o conceito de *sistema*. Nessa construção reflexiva, o caminho que torna inteligível a superação das acepções dicotômicas encontrado por Mauss é então assumido pela instauração do método comparativo mediante a importância da realidade social simbólica.

Outros dois aspectos que chamam a atenção de Rocha, ao priorizar a dimensão dos fundamentos ordenadores da teoria, são aqueles relacionados à elaboração epistemológica que a dádiva sugere. Nessa acepção estão subscritas ações simbólicas entre as trocas (dar, receber e retribuir) e as representações que as envolvem. Ao promover tal articulação, Rocha sublinha que, embora o estudo do sistema da dádiva tenha uma implicação de grande relevância para o campo da antropologia, o *Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* era menos um interesse de Mauss do que de Lévi-Strauss, quando comparados aos outros estudos de sistemas de representações, como aqueles relativos à temática dos rituais religiosos.

Diante da importância assumida pelo sistema da dádiva, Rocha apresenta alguns fundamentos básicos desse sistema, representados pelas modalidades não só empregadas por Mauss, como o *Kula* e o *Potlach*, e realiza um exercício didático demonstrando como a dádiva pode ser relacionada, atualmente, a diversos rituais, como os natalinos, por exemplo, presentes no universo ocidental. Nesse sentido, o autor ratifica o caráter abrangente e atual da obra de Mauss, tanto pela sua dinâmica espacial quanto temporal e, ainda, pela repercussão que o *Ensaio sobre a dádiva* assume em termos de um “manifesto pela paz” (p. 64).

Ao fim do segundo capítulo, Rocha destaca a importância que Mauss atribuía ao enfoque da etnologia religiosa, e à centralidade da religião e da magia, em uma condição *sine qua non*, para as ações simbólicas ritualizadas. Nesses termos, ele aponta para a forma como a categoria *mana* é então constituída e erigida como base para a formação teórica de Mauss, no que tange à sua relação com o sagrado. Nesse sentido, o autor destaca a reelaboração de Mauss frente à sociologia de Émile Durkheim de *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, ao tentar uma compreensão do social, antes, por meio do aspecto ritual. Essa percepção amplia e redimensiona as considerações de Mauss no tocante a forma complexa pela qual a sociedade se pensa. Portanto, ao identificar a atualização da obra de Mauss pela interação com o sagrado e pela inscrição simbólica da realidade social, Rocha indica a possibilidade de articular essa abordagem com a questão que abrange a educação. Esse aspecto específico se vincula à perspectiva que abarca a teoria da performance e a noção de corpo, interrelacionadas com o que o autor chama de “mundo concreto do homem total”(p. 77) , tal qual desenvolvido no terceiro e último capítulo do livro.

É com o título de “Homo Educandus” que Rocha inicia o aprofundamento do conceito de educação em relação aos estudos etnológicos de Mauss. Exercício que se desenvolve desde o capítulo anterior, dado que o autor propõe incorporar essa discussão a uma perspectiva mais abrangente, problematizando, assim, seu percurso teórico em uma época em que o campo da antropologia encontrava-se em grande efervescência, com o afloramento de novas reflexões ideológicas. Assim Rocha, no terceiro capítulo, aponta para a centralidade da obra de Mauss a partir da inter-relação entre as técnicas corporais, o universo concreto do homem e as expressões simbólicas no âmbito social. Por extensão, chama a atenção para o modo como essas articulações podem ser percebidas sob a égide da educação, no sentido de ela abarcar o processo pedagógico de transmissão de práticas e representações sociais.

Nesse exercício interpretativo de carácter relacional sobre a obra de Mauss, Rocha constrói uma elaborada trajetória para refletir sobre um ponto chave; o de pensar a educação como um fenômeno social total intrincado ao sistema da dádiva. Segundo o autor, a educação e a dádiva compartilham uma especificidade que se encontra menos relacionada estritamente à socialização e à interação do que a um processo mais abrangente que abarca diferentes padrões de relações temporais, históricos e geracionais. Tais dimensões podem então ser percebidas por meio da análise de como o modo de circulação dos dons, na forma de bens e serviços se articulam. Assim, Mauss assumiu o pressuposto de que essas prestações seriam

fatos sociais totais. Estes fatos, por sua vez, envolviam obrigatoriamente todas as instituições de cada sociedade e os seres morais nelas presentes. Ao propor que a troca englobaria a totalidade da sociedade em cada um dos atos que a compunha, Mauss validou essa tese para a modernidade.

Assim, Rocha apresenta a inscrição fenomenológica do pensamento de Mauss ao mencionar que, para aquele, o corpo do homem deve ser assumido como medida empírica do concreto, e que esse homem faz parte de um todo complexo, completo e universal, ou seja, situa-se em um sistema de classificações aos níveis biológico, psíquico e socio-histórico. A concepção de concreto em Mauss é abordada por Rocha por meio de outra dimensão, diferente da crítica manifestada por Lévi-Strauss ao mencionar que Mauss não alcançou a dissociação da categoria criada pelos nativos no tocante à categoria do pensamento científico. Rocha demonstra, citando alguns intérpretes de Mauss, que o universo da realidade concreta esteve sempre presente em sua reflexão, estendendo-se a um nível de refinamento que consegue interpretar as categorias nativas sem sumprimí-las. Para isso, Mauss se utilizou de outras metodologias, como a marxista, por exemplo, o que, na percepção de Rocha, o auxiliou a desenvolver uma compreensão mais ampliada de como o fenômeno da dádiva é elaborado, e pela maneira como consegue ultrapassar o plano do concreto, enquanto alegoria, em direção a um modelo que detém um rigor mais científico. Rocha argumenta ainda que Mauss não se utiliza de uma análise dicotômica para elaborar o universo simbólico e o concreto. Pelo contrário, sua produção reflexiva se dá na ordem da inter-relação entre um universo e outro. Desta forma o autor enfatiza que a compreensão do concreto em Marcel Mauss não se destitui do plano dos símbolos que ela opera, tanto para o pensamento quanto para a ação.

Diante disso, os símbolos são elementos importantes para se pensar a relação entre as reflexões de Mauss e a educação à medida em que estes interagem por meio dos ritos, manifestando assim um caráter pedagógico que assume funções, como o próprio funcionamento e a conservação da tradição. Nesse sentido, Rocha aponta para a relação que compreende objetos e instituições no âmbito da educação patrimonial que, em sua ótica, detém discussões parcamente debatidas pela antropologia.

A noção de corpo para Mauss aparece na análise de Rocha como elemento chave para se pensar o processo educacional do homem em um sentido mais amplo. Em sua análise, o autor prepondera as técnicas corporais como um dos fatores propiciadores da educação

cotidiana, seja transmitida pela instituição escolar, seja fora de seus domínios. E destaca aspectos particulares da existência humana que trazem à tona expressões produtoras de inúmeros elementos de atribuição exclusiva ao corpo, como a indumentária, a higiene, as práticas esportivas etc. Essa abordagem, entretanto, se diferencia em um aspecto que merece destaque. Apesar de o autor considerar a notável importância da noção de corpo como uma forma de representação atribuída a valores particulares de expressão no contexto educacional, sua abordagem ultrapassa tal perspectiva, celebrada de forma constante nos debates de cunho educacional, e integra a essa concepção indicações para a problematização Maussiana sobre a construção social da pessoa moderna.

Desta forma, Rocha aponta para um caminho de relativização mais extenso no tocante a forma pela qual a noção de corpo pode ser percebida dentro da tradição ocidental, especialmente quando relacionada ao campo da educação, mormente nos estudos que se referem à educação formal, ambiente que, ideologicamente, foi constituído a partir de modelos individualistas. Nesse sentido, Rocha não somente traz uma contribuição importante para uma possibilidade de diálogo teórico-metodológico mais abrangente no que diz respeito à categoria do *Eu*, entre a antropologia, a sociologia e a educação, mas também para propiciar aos seus leitores um convite à reflexão acerca de novas articulações para a pesquisa em um ambiente interdisciplinar, indo ao encontro de uma das características mais marcantes de Marcel Mauss, enquanto mestre e pensador, qual seja a sua enorme capacidade de expandir ideias e novas oportunidades de conhecimento para aqueles que o estudam.

Recebido em: 13/04/2013. Aceito em: 05/05/2013.